

Clíticos e estrutura frásica em Português Europeu

Ana Madeira
Universidade Nova de Lisboa

1. Introdução

Os contextos sintácticos que determinam os padrões de colocação dos pronomes clíticos em Português Europeu (PE) são sobejamente conhecidos. O clítico precede o seu hospedeiro verbal em frases subordinadas introduzidas por um complementador (cf. (1)), ou quando precedido por determinados tipos de constituintes: constituintes-*Qu* (cf. (2)), constituintes focalizados (cf. (3)), quantificadores (cf. (4)), negação (cf. (5)) e certas classes de elementos adverbiais (cf. (6)). Na ausência destes elementos, o clítico segue obrigatoriamente o seu hospedeiro verbal (cf. (7)).

- (1) a. A Maria disse que o João lhe contou tudo.
b. *A Maria disse que o João contou-lhe tudo.
- (2) a. Quem o comeu?
b. *Quem comeu-o?
- (3) a. ISSO lhe disse eu.
b. *ISSO disse-lhe eu.
- (4) a. Todos a adoram.
b. *Todos adoram-na.
- (5) a. O José não a viu.
b. *O José não viu-a.
- (6) a. Talvez o João lhe tenha contado tudo.
b. *Talvez o João tenha-lhe contado tudo.
- (7) a. O João contou-lhe uma mentira.
b. *O João lhe contou uma mentira.

Estes factos têm recebido considerável atenção na literatura. A maior parte das propostas avançadas na literatura consideram o clítico como um núcleo que se

desloca da sua posição argumental de base para um núcleo funcional: C (Madeira 1992, 1993), W (Rouveret 1992), F (Uriagereka 1995), AgrS (Martins 1994), AgrO (Duarte e Matos 2000). Os diferentes padrões de colocação dos clíticos resultam da interacção entre movimento do clítico e movimento do complexo verbal.

Em Madeira (1992, 1993), por exemplo, ênclise é derivada de movimento do clítico para C, seguido de adjunção do complexo verbal ao clítico e movimento do sujeito para SpecCP (cf. (8)). Próclise, por seu lado, resulta de uma operação de último recurso, que adjunge o clítico ao complexo verbal em contextos em que não há uma posição funcional vazia disponível para o clítico, como é o caso das orações subordinadas introduzidas por um complementador (cf. (9a)), ou na presença de elementos de tipo operador que bloqueiam movimento do clítico, como, por exemplo, a negação (cf. (9b)).

(8) Ênclise:

[_{CP} Suj [_{C'} [_C [V+ I] + cl] [_{IP} ...]]]

(9) Próclise:

a. ... [_{CP} [_C *que*] [_{IP} Suj [_Γ [_I cl + [V+ I]] ...]]]

b. ... [_{CP} C [_{NegP} [_{Neg} *não*] [_{IP} Suj [_Γ [_I cl + [V+ I]] ...]]]]]

Esta análise levanta sérias questões, por exemplo, quanto à motivação para o movimento do clítico para C e subsequente movimento do complexo verbal, e relativamente ao facto de prever que o sujeito ocupa diferentes posições em estruturas de ênclise e de próclise, o que não parece ser confirmado pela evidência.¹

O objectivo deste artigo é apresentar um esboço de uma análise alternativa dos padrões de colocação dos pronomes clíticos em EP, assumindo uma estrutura funcional frásica mais articulada, que inclui uma posição especializada para os clíticos.

2. Alguns pressupostos

2.1 Posição do clítico

Segundo Sportiche (1995), podemos assumir que o clítico ocupa uma posição funcional que lhe é exclusiva.² Adoptando uma proposta de Manzini e Savoia (2001), vou assumir que a posição ocupada pelo clítico corresponde ao núcleo de

¹ Para uma revisão detalhada dos problemas teóricos e empíricos levantados por esta análise, ver Rouveret (1992).

² Neste trabalho, a questão de como o clítico atinge a sua posição de superfície não será objecto de discussão. Podemos considerar que a atinge através de movimento a partir de uma posição argumental de base, como se defende nas análises mencionadas na secção anterior, ou, em alternativa, que é projectado directamente na sua posição de superfície, como é proposto em Manzini e Savoia (2001).

uma categoria funcional que ocorre entre C e I. Existem pelo menos dois argumentos em favor de uma análise segundo a qual o clítico ocupa uma posição funcional elevada na estrutura da frase, e contra uma análise como a de Duarte e Matos (2000), que considera que o clítico se associa a um núcleo funcional bastante "baixo" na hierarquia da frase, como é o caso de AgrO. Por um lado, todos os elementos que bloqueiam ênclise em PE são elementos que ocorrem em posições hierarquicamente elevadas. Por outro lado, em frases com vários elementos verbais, o clítico associa-se sempre ao primeiro elemento verbal da frase, conforme ilustrado em (10), o que parece indicar que o clítico ocupa uma posição funcional mais elevada que AgrO.

- (10) a. Enquanto caminhavam, ele ia-lhe contando o que se passara.
 b. * Enquanto caminhavam, ele ia contando-lhe o que se passara.

Chamemos a esta categoria funcional exclusivamente ocupada por clíticos CIP (*Clitic Phrase*). O pressuposto de que o clítico ocupa uma posição fixa na estrutura frásica implica que os dois padrões de colocação de clíticos que se verificam em PE, ou seja, ênclise e próclise, terão que ser derivados apenas através de movimento do complexo verbal.³

2.2. Estrutura frásica

Neste trabalho vou adoptar a estrutura proposta em Rizzi (1997) para a periferia esquerda da frase, representada em (11):

- (11) ForceP (TopP*) (FP) (TopP*) FinP

Segundo a proposta de Rizzi (1997), ForceP representa a interface com o exterior (por exemplo, com a frase matriz), correspondendo o seu núcleo à posição de complementadores como *que*, e sendo o seu Spec ocupado, por exemplo, por operadores relativos. FinP, por seu lado, contém especificações de finitude e constitui a interface entre a periferia esquerda da frase e o sistema flexional.⁴ SpecTopP, por seu lado, corresponde à posição ocupada por tópicos, por exemplo, em construções de Topicalização e Deslocação à Esquerda Clítica (ver (12)).

- (12) a. Flores, ele oferece-lhe todas as semanas.
 b. O café, ele toma-o sempre com açúcar.

³ Como é proposto, por exemplo, em Martins 1994, onde se defende que o clítico permanece em AgrS, enquanto o complexo verbal sobe para o núcleo funcional Σ em estruturas de ênclise.

⁴ Uma vez que a análise aqui proposta não necessita de fazer referência a FinP, continuaremos a designar a ForceP de Rizzi (1997) como CP.

Esta projecção é potencialmente recursiva, uma vez que numa frase podem ocorrer vários tópicos, como se exemplifica em (13).

(13) Flores, à mulher, ele oferece(-lhas) todas as semanas.

Quanto a SpecFP, esta é a posição ocupada por constituintes focalizados. Rizzi (1997) deriva a incompatibilidade entre estes constituintes e constituintes-*Qu*, ilustrada em (14), assumindo que SpecFP é também a posição ocupada pelo constituinte-*Qu*.

- (14) a. *Onde ISSO lhe disse eu?
b. *ISSO onde lhe disse eu?

Em relação a constituintes quantificados que ocorrem em posição pré-verbal, observamos que também estes são incompatíveis com F e *Qu*:

- (15) a. *Todos ISSO lhe disseram.
b. *ISSO todos lhe disseram.

- (16) a. *Todos onde a viram?
b. *Onde todos a viram?

Podemos então concluir que estes três tipos de elementos ocupam SpecFP, sendo por isso mutuamente exclusivos. Vamos assumir que SpecFP é também a posição ocupada por operadores negativos, sendo o morfema negativo *não* realizado na posição de núcleo de FP.

Conforme previsto na estrutura representada em (11), TopP pode preceder ou seguir FP (cf. (17)).

- (17) a. À Maria, todos ofereceram flores.
b. Todos, à Maria, ofereceram flores.

2.3. Posição do sujeito

Tem sido amplamente defendido na literatura que, em línguas de sujeito nulo, os sujeitos lexicais ocorrem numa posição de deslocação à esquerda (veja-se, por exemplo, Ordoñez e Treviño (1999) para o espanhol e Alexiadou e Anagnostopoulou (1995) para o grego). Também no caso do português, muitos autores consideram que o sujeito não ocorre na posição de especificador da categoria funcional ocupada pelo complexo verbal, mas sim numa posição externa a IP (por exemplo, em adjunção a IP em Barbosa (1995, 2000); em SpecCP em Galves (2000); como especificador de uma TopP em Raposo (2000) e, para o caso específico de sujeitos indefinidos com interpretação de tópicos, em Costa (2000)).

Um dos argumentos apresentados como justificação para esta posição refere-se à posição de certos advérbios que podem intervir entre o sujeito e o verbo, como ilustrado em (18):

(18) O João provavelmente ajudou-a a fazer o trabalho de casa.

Neste trabalho será assumido que os sujeitos em EP são tópicos que ocorrem na posição de especificador de uma TopP no domínio-C, de acordo com a estrutura apresentada em (11) acima. Tal como outros tópicos, os sujeitos lexicais são compatíveis com ênclise (compare-se (18) com os exemplos em (12) acima).

3. Derivação dos padrões de colocação dos clíticos

3.1. Próclise vs ênclise

Em face da concepção da estrutura frásica exposta na secção anterior, a análise de estruturas de próclise em frases com um operador pré-verbal é evidente, se considerarmos que, neste caso, o complexo verbal permanece em I. Esta situação corresponde às estruturas representadas abaixo para frases negativas (cf. (19)), e frases com constituintes focalizados (cf. (20)), quantificados (cf. (21)) e interrogativos (cf. (22)) em posição pré-verbal.⁵

(19) [_{TopP} o José Top [_{FP} [_F não] [_{CIP} [_{C1} a] [_{IP} [_I viu] ...]]]]

(20) [_{FP} ISSO F [_{CIP} [_{C1} lhe] [_{IP} [_I disse] ...]]]

(21) [_{FP} todos F [_{CIP} [_{C1} a] [_{IP} [_I adoram] ...]]]

(22) [_{FP} quem F [_{CIP} [_{C1} o] [_{IP} [_I comeu] ...]]]

Na ausência de um operador em FP, o complexo verbal é forçado a deslocar-se para F, derivando a estrutura enclítica:

(23) [_{TopP} o João Top [_{FP} [_F contou] [_{CIP} [_{C1} lhe] [_{IP} [_I t] ...]]]]

O que força o complexo verbal a subir para F nestas estruturas? Para responder a esta questão, vamos adoptar a proposta de Martins (1994), segundo a qual, em todas as frases afirmativas, existe uma categoria funcional que está associada a um traço [Af] (Afirmção), que é a contrapartida do traço [Neg], presente em frases

⁵ Podemos considerar que os advérbios que desencadeiam próclise (cf. o exemplo dado em (6) no texto) partilham com estes constituintes propriedades de operador, pelo que se poderá assumir que também eles ocorrem em SpecFP.

negativas. Ao contrário de Martins (1994), no entanto, e na linha do que é proposto acima, vamos assumir que essa categoria funcional é F, e não Σ .⁶ Enquanto o traço [Neg] é realizado lexicalmente em português pelo morfema *não*, o traço [Af] não tem realização lexical e necessita de ser legitimado, ou identificado. Tal legitimação pode ser conseguida através de duas estratégias alternativas: por um operador em SpecFP (o que acontece em estruturas como as representadas em (20-22)), ou, na ausência de um operador, por movimento do complexo verbal para F em estruturas como a representada em (23).

A análise apresentada acima parece dar origem a predições incorrectas relativamente a orações subordinadas afirmativas introduzidas por um complementador, como a exemplificada em (1) acima. De facto, na ausência de um operador em SpecFP, esperaríamos movimento obrigatório do complexo verbal para F_[Af], com a consequente ordem verbo-clítico, ao contrário do que se verifica.

Gostaríamos de propor que o que se observa neste caso é a operação de uma terceira estratégia para legitimação do traço [Af]: este traço é legitimado nestas estruturas através do estabelecimento de uma dependência entre C e F, permitindo ao complexo verbal permanecer em I.

(24) ... [CP [C que] [TOPP O João Top [FP F [CIP [C_i lhe] [IP [I contou] ...]]]]]

3.2. Orações interrogativas

Foi sugerido acima que em interrogativas-*Qu* o operador-*Qu* ocupa a mesma posição que constituintes focalizados e quantificados pré-verbais, ou seja, SpecFP, e que, portanto, próclise nestas estruturas deveria receber um tratamento uniforme. No entanto, há diferenças entre estas estruturas que poderão pôr em causa se tal tratamento é adequado. Os três tipos de constituintes podem ser precedidos por tópicos, como ilustrado em (17a) acima para quantificadores e em (25) abaixo para elementos interrogativos. No entanto, só constituintes focalizados e quantificados podem ser seguidos de tópicos (cf. (17b) acima), não podendo estes interromper a adjacência entre o constituinte-*Qu* e o complexo verbal (cf. (26)).

(25) a. À Maria, quem irá contar?
b. A Maria a quem contou?

(26) a. *Quem, à Maria, irá contar?
b. *A quem a Maria irá contar?

Esta assimetria é atribuída em Rizzi (1997) ao Critério-*Qu* (*Wh-Criterion*; cf.

⁶ A análise aqui proposta distingue-se também da de Martins (1994) ao considerar que o clítico ocupa uma posição funcional autónoma, pelo que se torna desnecessário assumir excorporação do complexo verbal em estruturas de ênclise.

Rizzi 1991), que força o constituinte-*Qu* em SpecFP a estabelecer uma relação de acordo com um núcleo associado ao traço *Qu*. Em interrogativas directas, Rizzi (1991) assume que este traço está associado a I, forçando movimento do complexo verbal para o núcleo da projecção que contém o constituinte-*Qu*, o que explica a estrita adjacência entre este e o complexo verbal. De acordo com a análise dos padrões de colocação dos clíticos aqui apresentada, esperaríamos, portanto, encontrar ênclise em interrogativas-*Qu*, o que não se verifica.

No entanto, como Cardinaletti (2001) aponta, a adjacência entre estes dois elementos pode ser interrompida por outros tipos de constituintes, nomeadamente, parentéticos e certas expressões adverbiais, como se exemplifica em (27).

- (27) a. A quem, na tua opinião, irá a Maria contar?
b. Quem certamente irá ajudar o João?

Além disso, em estruturas com verbos auxiliares, o sujeito pode seguir todas as formas verbais, como é ilustrado em (28):

- (28) a. A quem tinha o João oferecido flores?
b. A quem tinha oferecido o João flores?

Estes factos indicam que a inversão sujeito-verbo que se observa nas interrogativas-*Qu* não evidencia necessariamente movimento do complexo verbal para F, pelo que próclise nestas estruturas é previsível, de acordo com a análise aqui proposta.

4. Conclusão

Em suma, foi proposto que os pronomes clíticos ocupam uma posição fixa na estrutura da frase, entre o domínio-C e I. Os padrões de colocação dos clíticos em PE são consequência da existência de uma projecção FP, uma posição para operadores, e da existência de um traço [Af] em frases afirmativas, o qual pode ser legitimado / identificado através de três estratégias alternativas:

- 1) pela presença de um operador em SpecFP;
- 2) pelo estabelecimento de uma dependência com C;
- 3) pela subida do complexo verbal para F.

Os dois primeiros casos correspondem a estruturas de próclise, uma vez que o complexo verbal permanece em I, enquanto o terceiro caso corresponde a estruturas de ênclise, já que o complexo verbal se desloca para uma posição à esquerda do clítico.

Mais do que uma verdadeira análise dos padrões de colocação de pronomes clíticos em EP, o que aqui se apresentou constitui um possível ponto de partida para

uma análise, tendo-se apenas indicado os mecanismos que, a meu ver, são responsáveis pelos factos descritos. Muitas questões importantes ficaram por aprofundar, quanto à caracterização do traço [Af], quanto ao que se entende pela sua “legitimação” ou “identificação”, e quanto às estratégias que para tal fim são utilizadas, para mencionar apenas algumas. Fica para trabalho futuro uma discussão mais aprofundada destas questões.

Referências bibliográficas

- ALEXIADOU A. e E. Anagnostopoulou (1995) “SVO and EPP in Null Subject Languages and Germanic”, *FAS Papers in Linguistics* 4, Potsdam, pp-1-21.
- BARBOSA, P. (1993) “Clitic Placement in Old Romance and European Portuguese”, in *CLS29: Papers from the Twenty-Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, University of Chicago.
- BARBOSA, P (1995) *Null Subjects*. Tese de doutoramento, MIT.
- BARBOSA, P. (2000) “Clitics”, in J. Costa (ed.) (2000).
- CARDINALETTI, A. (2001) “Subjects and WH-Questions. A Reply to Uriagereka (1999)”, ms., SSLMIT Universidade de Bolonha – Universidade de Veneza.
- CARDINALETTI, A. e I. Roberts (1991) “Clause Structure and X-Second”, no prelo, in W. Chao & G. Horrocks (eds.) *Levels of Representation*, Foris, Dordrecht.
- COSTA, J. (2000) “Word Order and Discourse-Configurationality in European Portuguese”, in J. Costa (ed.) (2000).
- COSTA, J. (ed.) (2000) *Portuguese Syntax: New Comparative Studies*, Oxford University Press.
- DUARTE, I. e G. Matos (1995) “A Colocação dos Clíticos em PE e a Hipótese Minimalista”, in *Actas do X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, APL, Lisboa.
- DUARTE, I. e G. Matos (2000) “Romance Clitics and the Minimalist Program” in J. Costa (ed.) (2000).
- GALVES, Ch. (2000) “Agreement, Predication and Pronouns in the History of Portuguese”, in J. Costa (ed.) (2000).
- KAYNE, R. (1989) “Null Subjects and Clitic Climbing”, in O. Jaeggli & K. Safir (eds.) *The Null Subject Parameter*, Kluwer, Dordrecht.
- KAYNE, R. (1991) “Romance Clitics, Verb Movement and PRO”, *Linguistic Inquiry* 22.4.
- LAKA, I. (1990) *Negation in Syntax: On the Nature of Functional Categories and Projections*. Tese de doutoramento, MIT.
- MADEIRA, A. (1992) “On Clitic Placement in European Portuguese”, in J. van de Koot (ed.) *UCL Working Papers in Linguistics* 4.
- MADEIRA, A. (1993) “Clitic-Second in European Portuguese.” *Probus* 5, pp. 155-174.
- MANZINI, M.R. e L.M. Savoia (2001) “Clitics: Cooccurrence and Mutual Exclusion Patterns”, ms., Universidade de Florença.
- MARTINS, A.M. (1994) *Clíticos na História do Português*, vol. 1, tese de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- ORDOÑEZ, F. e E. Treviño (1999) “Left Dislocated Subjects and the Pro-drop Parameter: A Case Study of Spanish”, *Lingua* 107, pp. 39-68.

- RAPOSO, E. (2000) "Clitic Positions and Verb Movement", in J. Costa (ed.) (2000).
- RIZZI, L. (1991) "Residual Verb Second and the Wh Criterion", *Technical Reports in Formal and Computational Linguistics 2*, Universidade de Genebra.
- RIZZI, L. (1997) "The Fine Structure of the Left Periphery", in L. Haegeman (ed.) *Elements of Grammar: Handbook of Generative Syntax*, Kluwer, Dordrecht.
- ROUVERET, A. (1992) "Clitic Placement, Focus and the Wackernagel Position in European Portuguese", ms. Université Paris-8.
- SPORTICHE, D. (1990) "Movement, Agreement and Case", ms. UCLA.
- SPORTICHE, D. (1995) "Clitic Constructions", in L. Zaring & J. Rooryck (eds.) *Phrase Structure and the Lexicon*, Kluwer, Dordrecht.
- STROZER, J.R. (1976) *Clitics in Spanish*. Tese de doutoramento, University of California at Los Angeles.
- URIAGEREKA, J. (1995) "Aspects of the Syntax of Clitic Placement in Western Romance", *Linguistic Inquiry* 26.